

Arquétipos e Jung: a importância dos contos de fadas para a contextualização do jovem e a prevenção de drogas**Archetypes and Jung: the importance of fairy tales for the contextualization of youth and drug prevention**

DOI:10.34117/bjdv6n2-084

Recebimento dos originais: 30/12/2019

Aceitação para publicação: 07/02/2020

Luíza de Cássia Batista

Acadêmica de Psicologia

Faculdade UniCesumar

Endereço:Rua: Arapongas, 938. Vila Isabel

E-mail:luiza_nba8@hotmail.com

Fernanda Pimentel Santos

Mestre em Ciências Sociais Aplicadas- UEPG

Professora faculdade UniCesumar

Endereço:Rua: Afonso Ceslo, 4444, Uvaranas. T12,Ap. 404

E-mail:fpimentelsantos@gmail.com

RESUMO

Há muitos séculos se contam histórias, mas, a literatura dirigida à criança em formato de livro é bem mais recente. O surgimento da literatura infantil se deu em meados do século XVIII durante a reorganização do ensino burguês. Até esse período, não havia infância no sentido em que hoje é conceituada e, conseqüentemente, não havia literatura infantil. Tendo em vista o quanto a literatura infantil auxilia o crescimento intelectual de crianças e jovens, assim como exterioriza medos e aflições, esse projeto tem como seu objetivo elucidar a importância dos contos de fadas para a exteriorização dos medos reais dos jovens, auxiliando a prevenção de drogas. Através de uma análise bibliográfica, discute-se a formação dos primeiros contos, a história da psicanálise de Jung e seus principais conceitos. Após tal apresentação, discute-se, ainda, o consumo de drogas ilícitas no mundo dos jovens e suas conseqüências. Ao final, como os contos podem auxiliar na prevenção de drogas. Busca-se, com essa pesquisa, apontar o quanto os contos de fadas podem ser úteis, não apenas para o universo literário e para o auxílio de leitura e escrita, mas, quando abordados de forma correta, os contos podem mostrar um mundo fantasioso que pode fazer referência com a realidade.

Palavras-Chave: Jovens; Prevenção de drogas; Psicanálise.

ABSTRACT

For many centuries now, stories have been told. However, Literature books for children are quite more recent. Literature for children only came up during the mid XVIII century, during a reorganization of the bourgeois education. Before that time, the concept of childhood was not close to the one that exists today, neither was Literature for children. As Literature has an important part in developing the intellect of young people, it also exteriorizes feelings such as fear and distress. This project aims to show, therefore, how important Fairy Tales can be to young people during the process of externalizing real consternations and preventing more serious problems like the use of drugs. Through a bibliographical analysis that will describe the making of the first tales, we will also describe the history of Jung's Psychoanalysis and its main ideas. This research aims to show, after all, how useful can Fairy Tales be, not only in terms of Literature itself, but as a mean of helping young learners to read, write and express themselves in a better form.

Keywords: Children/ young people; drugs prevention; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Há muitos séculos se contam histórias, mas, a literatura dirigida à criança em formato de livro é bem mais recente. O surgimento da literatura infantil se deu em meados do século XVIII durante a reorganização do ensino burguês. Antes desse período, não havia o conceito de infância como é consolidado hoje. Conseqüentemente, não havia literatura infantil.

Em seu artigo *Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares*, Azevedo (2001) expõe que o surgimento da literatura infantil, onde a oralidade é substituída pela linguagem escrita, deu-se após o século XVII durante a reorganização do ensino burguês, até porque antes disso, não havia infância¹ e conseqüentemente, não havia literatura voltada exclusivamente a essa fase da vida. Durante o século XVII, as crianças eram consideradas “miniadultos” e, assim, os livros de contos ou histórias infantis tinham apenas o intuito de educar certos conceitos e não de entreter, não levando ao exercício da imaginação. Os livros não eram considerados material de apoio no processo de ensino voltado às crianças e adolescentes da época.

Na atualidade, as crianças e adolescentes fazem parte da construção da sociedade como sujeitos históricos, críticos e cada vez mais influentes como futuros agentes da sociedade. A Literatura Infantil, acompanhando as mudanças sociais, adapta-se aos novos tempos. Hoje, há uma imensa produção literária de qualidade voltada ao universo infanto juvenil.

¹ Infância no sentido que conferimos atualmente ao termo.

Para uma melhor compreensão do significado das histórias infantis e sua importância na formação do universo da criança, bem como, no processo de desenvolvimento psicológico humano, é necessário falar sobre os arquétipos. Mas, o que são mesmo arquétipos? Segundo Jung:

Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença de conteúdos capazes de serem conscientizados. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovamos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados de arquétipos (2007, p.16).

Ao problematizar os mecanismos do inconsciente coletivo, contextualizações de Jung, deve-se retomar as produções de Freud, autor em que Jung se baseou ao desenvolver o pensamento junguiano.

Freud (1856-1939), médico neurologista austríaco, inaugurou estudos inovadores sobre a mente e a conduta humana no campo da psiquiatria. Sua maior contribuição, provavelmente, foi a elaboração de um conceito com status científico para o inconsciente, esse misterioso mecanismo psicológico, que guarda consigo as chaves para a compreensão dos símbolos – inclusive os arquétipos. Seus conceitos de inconsciente foram revolucionários. Ele propôs que a mente fosse dividida em camadas ou níveis para uma melhor interpretação da mesma: Id, Ego e Superego (FREUD, 1923).

Através dessa separação, Freud conseguiu explicitar o que se passa na mente humana. Após essa revolucionária contribuição sobre inconsciente e as estruturas da personalidade, Jung, que era seu discípulo e aluno, começou a ter suas próprias ideias e a discordar de Freud. Cada um, então, seguiu seu caminho.

Jung avança da teoria de Freud – quando este afirmava que o mundo psicológico das crianças era constituído pelo pai, pela mãe e pelo inconsciente. Jung, por sua vez, diria que além do pai, da mãe e do inconsciente havia, ainda, os arquétipos. E assim, Jung desenvolve seu conceito mais significativo para a Psicologia: o Inconsciente Coletivo e os arquétipos (JUNG, 2007).

Os arquétipos nada mais são do que as figuras, imagens e símbolos, como aqueles presentes nas histórias infantis e nos mitos. Cada história tem seu arquétipo e quando nos familiarizamos com ele na própria história, antes mesmo de se falar sobre um personagem, já

se deduz qual é o arquétipo que o mesmo representa. Um exemplo dessa representação nas histórias infantis é a figura da princesa, que simboliza a bondade, a pureza e a ingenuidade, arquétipos que personificam e traduzem essa personagem. Outro exemplo interessante é o simbolismo que pessoas idosas representam em filmes ou outras histórias, frequentemente dando conselhos, auxiliando o herói a encontrar o caminho da justiça e da verdade. Pessoas idosas simbolizam, afinal, a sabedoria, mais um arquétipo que está presente nas culturas desde o início da civilização.

A história “A Bela Adormecida” (1959) traz o simbolismo e a retratação de um diálogo entre pais e filhos sobre possíveis perigos, como as drogas. Nessa história, o pai faz de tudo para manter sua filha longe dos perigos, porém, não a contextualiza sobre quais são esses perigos. Trazendo isso para os dias de hoje, pode-se fazer uma comparação entre a questão do uso de drogas e da importância dos pais e responsáveis nessa equação, mantendo sempre um constante diálogo com os filhos.

Definindo e contextualizando a questão dos arquétipos e a sua importância na construção das histórias infantis para trazer à tona os mecanismos do inconsciente coletivo, é hora de passar a outro conceito fundamental para a compreensão do universo dos contos de fada: os símbolos. Para falar dos símbolos é imprescindível explicitar que estes não podem ser comparados aos arquétipos, pois, a maneira de expressão do inconsciente é a linguagem dos símbolos, enquanto que os arquétipos não têm uma forma definida, representando antes, um ideal (JUNG, 2007).

Os símbolos podem ser individuais ou coletivos. Jung (2007) se deteve a aprofundar os símbolos coletivos como as mandalas e os artefatos religiosos, tal como a cruz. Os símbolos podem ser traduzidos também por nomes, assim como o nome de Jesus, que só se tornou um símbolo porque evoca algo mais que seu simples significado como pronome, mesmo para quem é ateu.

Esse símbolo, o nome de Jesus, é um aspecto que não pode ser explicado e nem definido totalmente. E assim é a maioria dos símbolos (JUNG, 2007). Símbolos podem ser encontrados nos sonhos, passando uma representação individual ou coletiva. Assim, quando aparecem símbolos nos sonhos, deve-se procurar saber o que o inconsciente deseja trazer para a sua vida consciente. Segundo Jung, como uma planta produz flores, assim também a psique cria os símbolos.

Analisando os símbolos no que se refere aos contos, histórias infantis e aos mitos, pode-se definir que:

[...] o conto e o mito são as manifestações psíquicas que refletem a natureza da alma. São histórias que se passam no nosso interior e que usam uma linguagem simbólica. Aliás, enquanto a nossa língua se expressa por signos, o mito, os contos de fadas e os sonhos utilizam a mesma linguagem que o inconsciente: o símbolo (PAVONI, 1989, s/p).

Daí, portanto, a relevância de compreender as questões relacionadas aos arquétipos e símbolos no universo dos contos infantis. São eles, arquétipos e símbolos, os verdadeiros “contadores” dessas histórias, traduzindo o inconsciente coletivo e todas as imagens que se escondem por detrás de outras imagens. Eles mostram as muitas camadas que o ser humano carrega dentro de si e que são, vagarosamente, desfeitas quando a criança identifica os arquétipos e se identifica com os mesmos, em uma relação de encontro e superação de seus desafios cotidianos.

As histórias infantis são, desta forma, de grande ajuda para a contextualização das crianças e dos jovens no mundo real. Muitas histórias, hoje em dia, trazem realidades palpáveis para que haja uma busca pelo melhor relacionamento dessas no dia a dia e as histórias se tornam uma maneira eficaz de tocar uma criança e um jovem.

Desse modo, esse trabalho contemplou uma pesquisa bibliográfica acerca da importância dos contos de fadas na contextualização de problemas reais no cotidiano dos jovens, trazendo os contos de fadas para contextualizar os jovens sobre a prevenção de drogas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ERA UMA VEZ UM CONTO: UMA PASSAGEM ENTRE OS CONTOS INFANTIS E A PSICANÁLISE.

Buscando as origens dos contos, não se consegue datar, com certeza, quando e qual foi a primeira história a ser registrada. Os contos conhecidos como “Mil e Uma Noites” podem ser considerados dos mais antigos e, provavelmente, grandes incentivadores do gênero, já que seus manuscritos datam do início do século IX. Além deles, *Cinderela* é um dos contos mais antigos de que se tem notícia, visto que era narrado na China, durante o século IX.

Os contos encantam e ensinam as crianças, pois, todos têm um fundo educativo, sempre com uma lição moral e repletos de símbolos. A partir da psicanálise de Jung, percebe-

se que os contos trazem os mesmos símbolos que os arquétipos presentes no inconsciente coletivo, reconhecem e traduzem a cada narrativa.

Abramovich (2008) busca explicar em seu livro o porquê do encantamento que os contos transmitem às crianças, ao longo de tantos séculos de repetição, com pequenas, quase que imperceptíveis alterações, afirmando que:

[...] porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar [...]. Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e achar junto uma resposta sua para o conflito [...] Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...) (2008, p.120).

Partindo desse mundo fantasioso que Abramovich (2008) aponta, tratar questões que abalam o psicológico das crianças com o lúdico, utilizando de todo o simbolismo presente nos contos infantis, a partir da psicanálise, torna mais fácil o processo de acessar o que se passa no inconsciente das crianças.

Como as crianças eram consideradas “miniadultos”, somente a partir do século XVIII a criança passa a ser valorizada e percebida como um ser frágil, com a necessidade de um adulto que falasse por ela e cuidasse dela. O conceito vigente era o de que a criança não tem tamanho e nem idade suficiente para falar por si ou cuidar de si. Esse posicionamento, segundo Albino (s/a), revela-se fundamental para o surgimento da escola:

Esse protecionismo redundava em isolamento, tornando necessário o surgimento de instituições que preservem o lugar do jovem na sociedade e sirvam de mediação entre a criança e o mundo. É, nesse contexto, que surge a escola. (s/a, p. 3).

Inseridos neste panorama histórico, em pleno século XVIII, onde crianças e jovens devem estar na escola, considerada o seu verdadeiro lugar, é que nascem os Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm. Estudiosos e pesquisadores, os irmãos viajaram para a Alemanha a fim de conversar com as pessoas e conhecer lendas e histórias contadas pelos pais aos seus filhos, ao longo de sucessivas gerações (PESSOLATO; BRONZATTO, 2014).

À noite, após colher todas as informações necessárias, transcreviam-nas para o papel.

Não pretendiam escrever para crianças, tanto que seu primeiro livro não se destinava a elas, mas ao público adulto. Somente em 1815, Wilhelm mostrou alguma preocupação de estilo, usando seu material extraído do fantástico imaginário das pessoas, de forma a conservar a ingenuidade popular, a fantasia e o poético ao reescrevê-lo (ABRAMOVICH, 2008).

Assim, começaram a surgir os contos, entremeando a realidade às lendas populares, com o objetivo de entreter e fazer com que as pessoas pudessem usar a imaginação. Criados originalmente para adultos, não demorou muito para que as crianças tivessem quase que absoluta exclusividade neste gênero literário.

Em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas*, Bettlheim (2019), aponta que a criança que está familiarizada com os contos de fadas nota que os mesmos retratam símbolos, fantasias e não a realidade cotidiana.

O conto de fadas nos transmite desde o início, ao longo da trama e no final que aquilo que nos é narrado não são fatos tangíveis ou pessoas e lugares reais. Quanto a própria criança, os acontecimentos reais se tornam importantes pelo significado simbólico que ela lhes atribui, ou que neles encontra” (BETTLHEIM, 2019, p.90).

Toda história infantil traz consigo um fundo real sobre medos, perdas, amizades, amores, e, trazendo isso para o convívio dos jovens, auxilia na aceitação de seus medos, obstáculos e, ainda, a serem mais críticos e mais ativos como cidadãos.

Talvez a relação mais complicada abordada nos contos infantis seja a relação familiar, assunto sempre delicado e retratado em histórias carregadas de sensibilidade e sentimentos conflituosos, como os conflitos que costumam permear o universo infantil, quando de suas próprias relações familiares.

O livro de Abramovich (2008) traz como exemplo dos conflitos da relação familiar a história dos irmãos Grimm, “Joãozinho e Mariazinha”, irmãos extremamente pobres, que têm uma vida repleta de tristeza, abandono e carência afetiva – sentimentos provocados pela morte da mãe e o novo casamento do pai. A história traz, ainda, a figura arquetípica da madrasta perversa, cujo desejo é o de que sejam abandonados em uma floresta. Os irmãos, além de todos os conflitos que já experimentam, vão enfrentar grandes conflitos humanos como a superação de seus medos para que, juntos, encontrem uma vida melhor para ambos, enquanto um cuida do outro. Nessa busca, encontram no meio da floresta uma casa de chocolate, símbolo de fartura e da segurança que buscavam e, embora precisem vencer a bruxa, representação simbólica dos seus temores mais profundos, acabam alcançando a vitória e sendo felizes para

sempre, como convém a um bom conto de fadas.

Outra história que retrata a tristeza de uma criança passando por necessidades básicas, não só financeiras, mas afetivas é *A menina dos fósforos*. O conto contextualiza a vida de uma menina que passando frio e fome, vendia fósforos no rigoroso inverno europeu. Na noite do Ano Novo, vendo as luzes de Natal e outras crianças felizes em suas casas comendo e brincando com seus pais, deseja ver um mundo melhor e mais feliz. Para isso, pega sua caixinha de fósforos e, a cada fósforo aceso, imagina coisas bonitas em um mundo sem diferenças. Em um dos últimos fósforos, a menina enxerga uma avó, que a leva para o mundo de sonhos e de felicidade que a ingênua menina imaginava.

Traçando um interessante comparativo, entre o mundo em que vivia a menina dos fósforos e o mundo em que vivemos hoje, Abramovich (2008) aponta que:

Tão parecido com os nossos pivetes, com nossas crianças esfomeadas, vendendo seus objetos em esquinas, praças, de dia ou de madrugada, querendo também - como qualquer criança - comida, agasalho, proteção, teto [...] querendo estar dentro duma casa e não apenas enxergando seu interior pela janela e sendo protagonistas de uma situação social injusta, cruel, desumana [...] Querendo ser recebidas com carinho, amor, por sua família - como acontece com aquelas mais ricas - e desejando apenas que isso suceda enquanto ainda estão vivas, e não depois de sua morte [...] (2008, p.133).

Esse comparativo feito pela autora nos revela que o simbolismo presente nos contos de fadas é sempre atual por tratar de conflitos, situações e problemas que acompanham os seres humanos em suas trajetórias pela vida, desde tempos muito antigos, sem perder a emoção pelas transformações do mundo tecnológico. As emoções que traduzem o homem são aquelas mesmas, que todos conhecem e recordam.

Partindo para a psicologia, particularmente para a psicanálise, Jung (2007) contribuiu para o entendimento de arquétipos e simbolismos presentes dentro das histórias infantis e, com esse conceito, é possível utilizar a psicanálise de Jung e as histórias para auxiliar adolescentes no processo de prevenção de drogas, por exemplo.

A dependência química é uma doença que hoje se multiplica entre os adolescentes no Brasil. Os levantamentos epidemiológicos sobre o consumo de álcool e outras drogas entre os jovens no mundo e no Brasil mostram que é na passagem da infância para a adolescência que se inicia o uso e a dependência (MARQUÊS; CRUZ, 2000). Diante do exposto, o presente

trabalho buscou explicitar sobre o uso do lúdico e do palpável para a contextualização dos adolescentes sobre os perigos do uso das drogas, auxiliando a prevenção, na tentativa de diminuir o número de jovens que entram no mundo das drogas.

2.2 DEPENDÊNCIA QUÍMICA: UMA HISTÓRIA DE SOFRIMENTO

A adolescência é a ligação entre deixar de ser criança para se tornar adulto e muitos adolescentes já se sentem adultos, tomando decisões imprudentes que muitas vezes afetam a sua vida para sempre. Nesse momento, ele se afasta da família, aderindo ao seu grupo de iguais, sendo nessa etapa que ele forma sua personalidade e sua individualidade.

Não raramente, os pais já não conseguem compreender o que se passa na cabeça desse adolescente, podendo a comunicação entre pais e filhos em determinados momentos ser quase nula. Nesse momento, as escolhas do adolescente são as mais importantes, entendendo que se o seu grupo estiver utilizando drogas, o mesmo poderá se sentir pressionado a usar, podendo tornar essa “aventura” em uma dependência química carregada de sofrimento. Importante evidenciar que são vários os motivos para o uso de uma droga, no entanto, o principal motivo da pesquisa é explicitar sobre a prevenção de drogas.

A dependência química na atualidade corresponde a um fenômeno amplamente divulgado e discutido, tornando-se um grande problema social e de saúde pública na atualidade.

O consumo de substâncias psicoativas cresceu assustadoramente a partir da segunda metade do século XX, configurando-se nas últimas décadas desse século como um fenômeno de massa e como uma questão de saúde pública (PRATTA et al, 2009).

Sendo assim, em função da complexidade desse fenômeno na atualidade, a dependência química é um problema que vem recebendo crescente atenção, mobilizando tanto o sistema de saúde quanto a sociedade de uma forma geral (PRATTA et al, 2009).

Numa perspectiva ampla, a dependência de drogas é mundialmente classificada entre os transtornos psiquiátricos, sendo considerada uma doença crônica que acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Segundo o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-IV*, publicado pela Associação Psiquiátrica Americana (2000), a característica primordial da dependência de substâncias corresponde à presença de um conjunto de sintomas

cognitivos, comportamentais e fisiológicos, que evidencia que o indivíduo continua a utilizar uma determinada substância, apesar dos problemas significativos relacionados à mesma — tanto em termos de saúde quanto a questões pessoais e sociais.

A dependência química, como um grave problema de saúde pública, necessita de atenção especial. Portanto, a área de saúde tem muito a realizar no que diz respeito ao uso de drogas e à promoção de saúde (PRATTA et al, 2009). A psicologia vai compreender o usuário de drogas, partindo da subjetividade do indivíduo e do que o levou até a dependência química. O psicólogo é um dos profissionais mais importantes para o tratamento da dependência das drogas. Entrando em contato com o indivíduo já inserido nesse mundo das drogas, a psicologia é uma grande aliada no auxílio da prevenção das drogas, sendo ela a parte que irá entre, outras funções, compreender o sujeito através de escutas, observações e resgate de relacionamentos feridos, podendo evitar que esse cause mais danos para si mesmo.

Partindo da psicanálise de Jung e todos os seus conceitos, juntamente com as histórias infantis, pode-se fazer um trabalho contextualizado do mundo imaginário e dos símbolos relacionados com a vida real das crianças. As histórias são, afinal, repletas de simbolismos que podem retratar o enfrentamento do medo real das crianças.

O conto de fadas procede de um modo conforme àquele segundo o qual uma criança pensa e experimenta o mundo; é por isso que ele é tão convincente para ela. A criança pode obter um conforto muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para confortá-la no que o conto de fadas diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua (BETTLHEIMM, 2014; p.67).

A fantasia presente nos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança. É através dela, com seus símbolos traduzidos dos arquétipos que habitam no inconsciente coletivo dos povos, que a criança desenvolve seus sentimentos e aprende a lidar com as suas emoções. Para Almeida (2007):

Somos feitos da mesma maneira que os contos são feitos e a função dos contos é lembrar-nos disso mesmo. Se não nos lembrarmos, é porque estamos sob feitiço de um Grande Mágico, que nos subjuga, seja através de condicionamentos mentais, seja através das representações falseadas da realidade. O conto tem por fim acordar a nossa estrutura de verdade profunda, levarmos a experimentá-la e a pô-la em movimento, a fim de que possamos harmonizá-la com o arquétipo ideal. É ele a chave de acesso a um maior autoconhecimento (2007, s/p).

Sendo assim, a utilização dos contos e das histórias infantis, lembrando a realidade humana, faz com que todo este processo seja uma ferramenta subjetiva grandiosa para a prevenção das drogas, iniciando com os jovens – visto que é nessa idade que se começa o interesse pelas drogas – compreendendo os seus medos, contextualizando as histórias e as trazendo para a realidade.

2.3 PREVENÇÃO DE DROGAS: DO CONTO A PREVENÇÃO: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Como discutido até agora, a adolescência é a fase de transição entre a infância e a vida adulta, colocando em práticas os significados adquiridos durante a infância e que ainda serão associados no futuro.

Durante toda a vida, procuram-se significados para as vivências, para atitudes. Bettlheim (2019) retrata que a maior necessidade e a mais difícil realização é a de encontrar significado para a vida. Esse significado tão desejado se dá através de uma maturidade psicológica.

Para encontrar um significado mais profundo, devemos ser capazes de transcender os limites estreitos de uma existência autocentrada e acreditar que daremos uma contribuição significativa para a vida – senão de imediato, ao menos em algum tempo futuro. Esse sentimento é necessário para que uma pessoa se sinta satisfeita consigo mesma e com o que está fazendo (BETTLHEIM, 2009; p.10).

A psicologia auxilia na busca por esses significados e a psicanálise, aqui discutida, auxilia a buscar os símbolos presentes nos contos de fadas e a externalizar os significados (COSTA, 2007). Sendo assim, a psicanálise ocupou e ocupa até hoje um papel fundamental neste novo olhar lançado para a criança.

A psicanálise sente-se à vontade no terreno das narrativas, afinal, trocando em miúdos, uma vida é uma história, e o que contamos dela é sempre algum tipo de ficção; sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro (CORSO & CORSO, 2006).

Com a busca por significados e os simbolismos e arquétipos de Jung, os contos de fadas se tornam um instrumento incomparável para crianças e adolescentes, visto que os

mesmos possuem histórias que retratam problemas reais – mesmo contados de forma fantasiosa – que se enfrentam no dia a dia.

Muitas vezes, os contos de fadas são utilizados para o simples auxílio e melhora da leitura, tanto oral quanto escrita e alguns livros são tão superficiais que não se consegue retirar nada de significativo. Bettlheim (2019) afirma que a pior das características dos livros infantis é que esses logram a criança no que ela deveria ganhar com a experiência da literatura: acesso a um significado mais profundo e àquilo que é significativo para ela nesse estágio do desenvolvimento.

Araújo et al (2015) também apontam a importância dos contos de fadas, porém, não só pela busca de significado, como também ao auxiliar o jovem a enfrentar seus medos com o auxílio dos elementos assustadores presentes nos contos. Crianças procuram e desejam o medo. Elas exigem que os adultos repitam várias vezes os trechos mais amedrontadores dos contos de fadas. O medo, afinal, é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção, é um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte.

Um dia as crianças terão de enfrentar situações difíceis; os contos de fadas funcionam como antecipações que lhes permitem dominar o medo do “mundo cruel” que mais cedo ou mais tarde certamente terão de enfrentar. Os contos de fadas ajudam-nas a elaborar seus conflitos mais íntimos (CORSO, 2006).

Para Bettlheim (2019), os contos de fadas transmitem essa mensagem para a criança de forma variada, exemplificando que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável e que esta faz parte da existência humana. Porém, se a pessoa não se intimida e enfrenta as provações inesperadas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa. Além disso, os contos de fadas expressam os anseios do ID e favorecem que as crianças e adolescentes encontrem soluções para seus conflitos.

Utilizando de todos os valores positivos que os contos de fadas trazem para o universo da criança e do jovem e os trazendo para a psicologia, mais especificamente a psicanálise de Jung, os contos de fadas trazem inúmeros símbolos e arquétipos que nos dão embasamento para a discussão do quanto os contos de fadas podem ser grandes aliados para ilustrar, através da fantasia, o mundo real. Para Jung (2007), o conceito de arquétipo indica a existência de determinadas formas na psiquê, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar.

Após a discussão sobre os contos de fadas e a importância para o desenvolvimento de

significados da criança e dos jovens, sabe-se que as drogas estão cada vez mais inseridas na realidade dos jovens hoje em dia e, tendo isto em vista, o uso de drogas psicoativas se tornou um grave problema social e de saúde pública. Muitas são as medidas de prevenção tomadas para conscientizar os jovens dos problemas e consequências sobre o uso de drogas.

As drogas passaram por grandes evoluções. Na Idade Média, a única droga que era permitida pelo cristianismo era o vinho, e, hoje em dia, ainda é utilizado simbolizando o sangue de Cristo (PRATTA, 2009). Assim como as drogas evoluíram, o acesso a elas ficou cada vez mais fácil. Sendo de mais fácil acesso, os jovens podem procurar nas drogas o conforto para qualquer problema que estejam enfrentando no momento.

Compreendendo esse problema latente e atual de nossa sociedade, é papel de todos conscientizar os jovens sobre os malefícios do uso e do abuso de drogas, explicando os problemas que vêm após o consumo e todas as consequências, as quais muitos usuários carregam para o resto de suas vidas.

Segundo dados da Secretária de Segurança Pública do Paraná sobre a apreensão de drogas no nosso estado (2018, 2019), em específico no município de Ponta Grossa, pode-se analisar um grande aumento nos números. Somente a maconha, de um ano para o outro (2017 para 2018) subiu de 302,52 kg para 1865,04 kg. Isso só aponta, cada vez mais, a importância de se falar com os jovens sobre as consequências das drogas.

Considerando as contribuições de Jean Piaget (1974) sobre o desenvolvimento da criança, sabe-se que esse desenvolvimento é contínuo e que se não forem trabalhadas medidas, podem ocorrer problemas em seu desenvolvimento intelectual. As drogas causam essa alteração no desenvolvimento intelectual dos jovens, pois, o indivíduo se desenvolve a partir do meio em que está inserido.

O desenvolvimento é caracterizado por um processo de sucessivas equilibrações. O desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico; como este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio (PIAGET, 1974, p.13).

Trazendo as contribuições de Piaget (1974) para o contexto do trabalho e sabendo que o desenvolvimento segue até a maturidade, as drogas interrompem esse desenvolvimento causando inúmeros danos psíquicos ao jovem.

Agora, a respeito dos contos de fadas no universo dos jovens e da prevenção de drogas, tendo em vista que esses contos de fadas foram escritos para crianças: o “não” sem contextualização e sem explicação, como o apresentado no conto *A Bela Adormecida*, onde a princesa quer descobrir por ela mesma o que aconteceria se ela fosse contra o *não* do seu pai, pode ser bem pertinente em relação ao “não” real, dos pais de jovens hoje em dia. É preciso dar ainda mais importância ao diálogo aberto, contribuindo na prevenção das drogas.

Um dos fatores importantes para a prevenção de drogas é o diálogo aberto com as famílias. Para que a prevenção de fato aconteça, é necessário o envolvimento de diversos grupos na sociedade, principalmente a família, uma vez que esta apresenta um papel crucial no processo de desenvolvimento de seus membros, constituindo-se como o primeiro agente educativo/preventivo. Por meio da família, a criança vai aprender condutas, hábitos, valores, observando as atitudes dos pais frente à vida e aos problemas inerentes ao cotidiano (CARRANZA; PEDRÃO, 2005).

No caso da prevenção de drogas, inúmeras são as formas de auxiliar a prevenção. O presente trabalho elucidou, com o auxílio da psicanálise, o quando os contos de fadas podem ser enriquecedores e no quanto podem elucidar problemas do cotidiano dos jovens de uma forma mais clara, para que os mesmos compreendam que eles não estão sozinhos, eles não são os únicos a sofrerem disso.

As drogas estão presentes no universo desses jovens, mas, são seus problemas e traumas internos que possivelmente os fazem procurar uma saída ou fuga dos mesmos. Portanto, ilustrar que eles não estão sozinhos, através dos contos, e mostrar que o herói também sente medo, a princesa também sente tristeza e que todos de alguma forma passam por dificuldades e mesmo assim conseguem alcançar seus objetivos, pode, de alguma forma, ajudar os jovens a ficarem longe das drogas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após compreender que os jovens são adultos em desenvolvimento e que suas escolhas em busca do significado da vida, hoje, podem afetar o seu futuro e que as drogas são um mal presente que traz prejuízos psicológicos, sociais e psiquiátricos, foi possível ponderar reflexões sobre a prevenção de drogas.

Neste sentido, a psicologia entra tanto no resgate de jovens já inseridos no mundo das drogas, como no auxílio de jovens que estão passando por algum tipo de dificuldade e podem utilizar as drogas como meio de fugir de sua realidade.

A psicologia é uma área ampla, e a psicanálise – nesse trabalho abordada mais especificamente a psicanálise junguiana – mostra que os símbolos e arquétipos presentes nas histórias infantis podem ser um instrumento importante para a prevenção de drogas. Os contos abordam de forma fantasiosa os medos e aflições dos seus personagens e, mesmo que seja em um contexto completamente diferente, o jovem pode se identificar e perceber que ele não está sozinho. É possível entender, por exemplo, como no conto *A Bela Adormecida* o diálogo com os pais e responsáveis pode prevenir que o jovem use de alguma droga lícita ou ilícita de forma irresponsável.

Esse diálogo aberto com os filhos deve fazer parte da vida dos pais. É preciso contextualizar os filhos sobre os perigos do mundo, como as drogas, auxiliando na prevenção e permitindo que o jovem não se sinta sozinho ao tomar as decisões que irão impactar sua vida para sempre.

Uma vez que o uso de drogas é um problema global, a prevenção é o primeiro passo no combate a esse mal presente na sociedade. Os jovens representam o futuro, afinal, e evidenciar os malefícios e contextualizar o uso das drogas inicia um projeto que, a longo prazo, pode fazer toda a diferença no combate as drogas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5ª ed. São Paulo: Scipione. 2008.

ALBINO, Lia Cupertino Duarte. **A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino**. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/8682229-A-literatura-infantil-no-brasil-origem-tendencias-e-ensino.html> > Acesso em: 20 dez. 2019.

ALMEIDA, Marilene Tavares. **O conto de fada numa abordagem Junguiana**. São Paulo. 2007. Disponível em: <<http://www.prejunguiano.wordpress.com/2009/11/23/oconto-de-fada-numa-abordagem-junguiana/>> Acesso em: 20 dez. 2019.

ARAÚJO, F. M. S. C.; AMARI, F. N.; OLIVEIRA, A. M. M. **A Função Dos Contos De Fadas Na Constituição Do Sujeito Psicanalítico: Uma Análise A Partir Do Conto De Chapeuzinho Vermelho.** Akropolis Umuarama, v. 19, n. 3, p. 187-202, jul./set. 2011.

AZEVEDO, R. **Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares.** Publicado in Presença Pedagógica - Belo Horizonte - Editora Dimensão - Nº 27 - mai/ jun 1999. <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Literatura-infantil.pdf>
Acesso em: 28/12/2019

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** 37. ed. Tradução Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

CARRANZA, Doris Violeta Velásquez; PEDRAO, Luiz Jorge. Satisfação pessoal do adolescente adido às drogas no ambiente familiar durante a fase de tratamento em um instituto de saúde mental. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2005, vol.13.<
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692005000700011&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 28/12/2019

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

- ESTADO DO PARANÁ SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIARIA COORDENADORIA DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO, **Relatório Estatístico Criminal Quantitativo de drogas apreendidas no estado do Paraná segundo município e tipo de droga 2017.** Disponível em: http://www.seguranca.pr.gov.br/arquivos/File/Relatorio_Drogas_Parana_Municipios_4Trimestre_2017.pdf>. Acesso em 17/03/2019

Brazilian Journal of Development

MARQUÊS, A; CRUZ, M. O adolescente e o uso de drogas. Rev. Bras. Psiquiatr. vol.22 s.2 São Paulo Dec. 2000. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600009>

Acesso em: 15/11/2019.

JUNG, **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 5.ed. [tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. Petrópolis, Rj: Vozes, 2007.

PIAGET, J. n. **Seis estudos de Psicologia**. 21^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

PRATTA; BRANCO; SANTOS, **O Processo Saúde-Doença e a Dependência Química: Interfaces e Evolução**. Universidade de São Paulo, SP. 2009.